

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Administrador — Prof. J. FERREIRA BOTE LHO

“Notícias de Guimarães,”

11 de Janeiro de 1932 □ □ □ 21 de Janeiro de 1934

É um dever nosso referirmo-nos, embora ligeiramente, a esta data, porquanto com ela nos transportamos em espírito ao momento em que demos à publicidade este modesto hebdomadário, cheios de fé e amor.

Lábaro desfraldado: pugna ardorosa pelo progresso e engrandecimento da nossa terra.

Lema: apostolado fervoroso e sincero dos princípios indefectíveis da Justiça.

Norma inalterada; finalidade a atingir; e objectivo a realizar. Vias seguidas na sua existência sem desalentos que entibiam, sem tergiversações que indignificam, vencendo obstáculos e removendo dificuldades.

Importa que reconheçamos que o “Notícias de Guimarães” é um insignificante órgão da opinião pública, é um débil lutador nas arriscadas lutas da Imprensa. Ainda assim cremos que a sua voz, apesar de frouxa, merece ser escutada, porque traduz a Verdade e a Justiça.

Nem sempre as muitas páginas ou a extensão do papel impresso impõem um periódico ou um livro.

Qualidades superiores são certamente a elevação e grandeza da doutrina que encerram, a justiça e superioridade da causa que se advogue.

No seu passado não houve reticências, antes neste aspecto tão delicado, soube sempre cumprir o dever imposto.

Lado a lado, ombro a ombro com todos que não hesitam em sacrifícios pelos interesses da terra que estremece, pelas suas prosperidades e progressos materiais e morais, tem atendido a alguns dos problemas nacionais, como sejam a Instrução e a Assistência, consolando-nos o que conseguimos inculcar no espírito dos nossos leitores e a certeza do dever cumprido.

Assim continuaremos no futuro; e por isso afirmamos, neste lugar, que prosseguiremos com a mesma fé e confiança no porvir da Nacionalidade, com a mesma esperança de que este adorável rincão minhoto há-de competir com as terras portuguesas que mais têm progredido e adiantado.

Diligenciaremos, como sempre, estar com a Verdade; não relevaremos a hipocrisia e o erro; encomiaremos as iniciativas generosas e úteis, dando-lhe a mais leal e sincera solidariedade, venham de quem vierem, sem preocupações políticas ou religiosas.

Nestas afirmações vai a síntese do nosso procedimento. O “Notícias de Guimarães” saúda todos os que nele trabalham, os seus companheiros nas lides da Imprensa e todos os seus estimados leitores e assinantes.

A T O N I A

Fêz-se-me noite a meio do caminho...
Fugiu-me de repente a claridade...
Ao calvário da minha solidade
não faltou uma angústia, um só espinho!

Depois... fui-me habituando à escuridade,
a chorar sem conforto e sem carinho,
como a ave banida do seu ninho
vive... morrendo aos poucos de ansiedade!

Pendeu por fim a flor do sofrimento...
E' que o Tempo avançou, pausado, lento,
sumindo ao longe o som do último beijo...

Agora, se recordo tudo aquilo,
sinto no peito o coração tranqüilo...
— Mas ninguém queira a paz em que me vejo!

(Inédito). LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

Não sei onde está a gente mōça de Guimarães; ninguém a vê, ninguém a sente. Não há uma cintilação; ergue-se, dominante, de entre as paredes ennegrecidas do burgo dormente, o velho castelo evocador de glórias passadas, ninho que foi de águias e hoje serve de coito a corujas e morcegos. Percebe-se, olhando-se do alto, o esboço tolhido duma tentativa ousada de rompimento das vetustas muralhas a caminho do sol e do ar livre; mas reconhece-se bem que o peso enorme de séculos de bolor se abateu sobre esse sonho de civilização que dinamizaria a inércia e perturbaria a paz inútil da tacanhice bairrista. E é tudo.

Como não admirar, pois, que, em meio tão adverso, possa criar-se e manter-se um jornal, como o Notícias de Guimarães, moderno e desempoeirado, exercendo sem um desfalecimento a acção máxima que, nas apertadas circunstâncias actuais, é possível e cabe dentro dos limites que competem à imprensa de província, lutando com êxito brilhante contra todos os obstáculos — e tantos devem ser! — de natureza moral e material que a todos os momentos lhe hão-de ter surgido!

O Notícias de Guimarães constituirá uma consolação e uma esperança para todos quantos ainda teimem em fazer transpor dum salto, a esta terra, a distância que a separa do século que vivemos.

18-1-934.

M. FELGUEIRAS.

No Terceiro Ano...

Quando uma criança principia andando, necessita de uma mão segura que lhe encaminhe os passos, que lhe remova os obstáculos, até que principie a andar com segurança.

O exemplo que cito dá-se também com tudo o que é recentemente criado, pois todos nós precisamos de abrir caminho seguro, tanto para as nossas marchas como para os nossos planos.

O “Notícias de Guimarães”, porém, com o início do seu terceiro ano, principia uma nova fase, liberto já de peias, e longe dos passos e planos tateantes das novas iniciativas.

Forte e audaz, caminha e caminhará sempre sem um desfalecimento, sem uma hesitação, na objectiva tão digna de louvor de pugnar pelos interesses e aformoseamentos e de erguer bem alto o nome da nossa velha mas histórica e linda cidade de Guimarães — Terra, que no dizer do sábio professor Gomes Teixeira: “poucas existem tão notáveis”, e a quem o eloquente Dr. Leonardo de Castro chama: “A Terra Santa de Portugal, a Belém da nossa Pátria, o Eden da nossa História”, e finalmente “o solar de Portugal.” O grande professor e escritor Fidelino de Figueiredo diz, também, que “em Guimarães nasceu o que não pode morrer: a Pátria!” Eu acrescento ainda, que nos corações dos filhos desta terra não pode existir outro lema senão este: avante!

Avante, pois! Que o “Notícias de Guimarães”, continuando sempre a mesma rota, tenha uma vida tão forte, duradoura, e próspera, como a que a nossa terra deu ao glorioso Portugal, nossa Nação bem amada.

ZITA DE PORTUGAL.

A minha opinião

Com o presente número, termina o “Notícias de Guimarães” o seu 2.º ano de existência. Habitado, como estou, a fazer as minhas apreciações dentro da Justiça e sempre de acôrdo com a minha consciência, não me repugna afirmar que o “Notícias de Guimarães” tem seguido uma orientação digna dos aplausos de quem o lê. Fundado com o único interesse de defender tudo o que diga respeito ao Progresso desta terra, assim o tem feito, embora ainda continue sem efectivação uma parte das suas aspirações, cuja responsabilidade não lhe pertence. É dura e espinhosa a missão de quem toma sobre si o encargo de orientar um jornal, facto que está mais do que suficientemente constatado pela existência das próprias realidades. Não admira, pois, que os orientadores do “Notícias de Guimarães” tenham sido vítimas de grandes contrariedades, sem que, contudo, se tenham arredado do caminho traçado desde início. Decididos a não desistirem do seu esforço em prol da luta pelo engrandecimento de Guimarães, a tudo se têm obrigado, até mesmo a receberem de bom grado certa crítica mordaz e inconsciente. Falando de orientadores, evidentemente que considero como tais aqueles que têm consti-

Fôlhas perdidas

II

Era a mocidade académica, já quando ia quasi a findar o Século Dezanove. Dito enfaticamente — “das luzes” —, poderá acusar-se de haver deixado, e deixou, a herança de uma interrogação funesta; mas também nos deu soma enorme de conhecimentos, afirmações magníficas, realidades valiosas. Soa como vitupério à dignidade paternal a irreflectida truculência com que um Léon Daudet o alcunha de — “o estúpido Século XIX” —. Caiu na moda o estribilho, zarguncham-nos com êle os que ainda não sabem para onde vão, rindo, malsamente, e aplaudidamente, da nossa decrepitude, mais feita, senão feita, do muito que tivemos de viver em poucos anos, do que dos anos que a vida nos deu para viver. E tam sugestivo e enredador é o depreciamento e o negativismo que obceca até um ilustrado espírito, como o Dr. Gonçalves Cerejeira, distinto Professor, hoje Eminentíssimo Cardeal Patriarca, em quem muito admiro e respeito a sinceridade, engoiando-o a dizer: “O Século XIX acabou — negando-se a êle mesmo. Poderia proclamar-se, sem perigo de paradoxo, que morreu, abrindo falência”: A falência do positivismo, rejeitado como filosofia, sendo apenas um método — êsse pouco! e quando logo outros anabaptizam o nosso tempo actual de fria e sêca positividade; falência do “diletantismo” (assim mesmo e a sério) como amolecedor dos caracteres — agora calejados no ponta-pé à bola; a falência de pessimismo (eterno como o desalento amarguroso), definida teoria de cobardes — tanto como o optimismo pode ser uma sobremesa de gastrónomos; falência do cientismo (vejam o arroganço), porque nada sabe, nem pode saber do destino do homem!; falência do realismo, substituído na literatura pela neo-espiritualidade, irmã do sonho, antiga como êle e como êle sempre remocada em novas aléluias (lembrem o dístico do Eça “sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da Fantasia”) — que não vamos, é claro, falar da cocaína e da mercância reles, atulhando as montras, a estancar as fontes puras da inspiração, e do trabalho penosamente meditado e honestamente cumprido.

Engulhosa soberbia! Porque não concluir então, assim de razo, que todos os séculos anteriores faliram? — eis aí estadeado o painel da nossa árvore genealógica!... O mar dos séculos continuou a rolar pelo mundo — o navio sossobrou, o mastro partiu, abriram os costados, os mareantes pereceram: “onde, interroga um poema épico da Hélada, como encontrar, nos rochedos ou nas vagas, os testemunhos da luta dos naufragos contra a tempestade?” As águas fecharam-se e murmuram beijos de espuma, o céu azul é duma serenidade esplêndida. Não andarã também, naquele tam seguro desdem, um pouquinho de inadvertência pelo salutar preceito de S. Boaventura: “a ciência incha, a caridade edifica”, pois, quem dogmatiza, deve pre-supôr-se ao menos assenhoreado da mais alta de tôdas, da ciência do absoluto?

Muitos dos mesmos homens transitaram de um a outro século, conheceram a amargura da sentença de Montaigne: “On nous apprend à vivre quand la vie est passée” ou persistiram e ainda mais astralizaram as suas aspirações — o dobar das idades não se assemelha ao fio da vida individual. No frenesi do sectarismo, assim falam jubilosos vendo apenas a revivência do espírito cristão, como se as ideias imortais alguma vez se tivessem apagado, e mesmo quando... se pudesse inferir de uma maior exteriorização de culto, a maior intensidade da fé. Em dias ainda “do estúpido século”, Eça de Queiroz escrevia — “Hoje, neste ano de 1893, é de mau tom em Paris ser livre-pensador!... A lua das “Meditações” passa outra vez, pálida e meiga, sobre o lago — o roussinol e Deus reentraram na estrofe... Homens inquietos batem de novo à porta dos mistérios...” A António Cândido, ouço vibrantemente dizer: “Creio que o século em que tenho vivido é o melhor de toda a História; pelas descobertas que fez, pelas doutrinas que afirmou e negou, pelos problemas que propôs, e abandonou em seguida ou prosseguiu até final, pelas revoluções com que agitou o mundo em todo o sentido, e, mais que tudo, pelos sentimentos novos e bons de que penetrou e iluminou o coração de quantas gerações se sucederam aí desde o seu começo até hoje.” Mas... é a discussão de um epitáfio.

O azedume com que o condenam, tam contrictamente esperangados no raia de outras luzes — quem as acendeu? —, mostra-nos bem e ainda o tédio do progresso — no desengano das realidades apeteçadas, o cansaço da ideia — retraíndo-se depois do torvelinho, a ansiedade exausta — porque o evolucionar, sempre lento e mesquinho, empenumbra a inteligência. Bentham, quasi avoengo do pragmatismo de James, conciliava facilmente a virtude com a felicidade, entendendo que a virtude o era quando utilitária — parece um diploma de certa moral do nosso... e de todos os tempos. Notou Eucken, em contrário, e creio indesmentivelmente, não trazer a civilização perfeito contentamento ao homem porque o que êle lhe pede não é bem a felicidade — “mas” alguma coisa “mais do que a felicidade”, em muito diferente, se a encararmos no sentido materialista comum.

EDUARDO D'ALMEIDA

tuido o seu corpo redactorial, para os quais vão as minhas felicitações. Não sendo de Guimarães, mas tendo criado a esta terra os maiores afectos, faço votos pela satisfação de tôdas as suas reivindicações e para que o “Notícias de Guimarães” se continue a interessar por elas, dando,

assim, o melhor exemplo de bairrismo áqueles que de bairristas só têm esta qualidade a fingir...

Guimarães — Janeiro de 1934.

M. MENEZES.

Visado pela
Comissão de Censura.

LOÇÃO MIN-HOR

(CIENTÍFICA COMBINAÇÃO QUÍMICA)

Restitui aos cabelos a sua cor primitiva. Não mancha a pele nem a roupa. Vende-se em tôdas as boas farmácias.

Preparação do Laboratório “XORUS.”

Dobadoira dos anos... MARÉ ALTA...

Um ano!... Inda mais outro!... A eterna dobadoira
A girar sem descanso... E os anos se amontoam...
Pletórica de Dôr negra miséria estoirada!...
Brados, em vagalhões, na imensidade ecoam...

Olhai: assoma o ódio ardente de vinganças,
E agora é a alegria arfante de luxúrias...
Cruzam-se na amplidão milhar's de pombas mansas
E chapinam na lama as multidões espúrias!

Afundam-se punhais em carnes inocentes
Pela ânsia de sangue e bôcas de feridas...
Na treva, há palavrões enormes, repelentes,
Ao sol, em varandins, florescem margaridas...

De assassinos as mãos, vermelhas, executam
A hediondez do crime... E a mão da Caridade
Vai a espalhar o Bem às legiões que lutam
Com o cancro da fome — o horror da Humanidade!

E os anos vão rolando, inermes, matemáticos,
E o relógio da Vida é o mesmo tic-tac...
No fim, é igual o pó dos Sábios e Lunáticos,
Do que viveu da Honra e o que viveu do saque...

Um ano!... Inda mais outro!... Após a sombra a Luz!
O mesmo turbilhão de míngua e de abastança!...
Todo o Homem devia amar como Jesus!
A Perfeição seria, assim, uma Esperança!

Esperança da Luz que iluminou o mundo
E vergastou a treva em ondas de revolta...
Sam Francisco de Assis d'olhar doce e profundo,
Que andorinhas do Bem da sua Alma solta!

Mensageiras da Paz minh'alma por vós chama!
Voai, que vos espera a sombra do beiral
Da minha triste casa!... E' que vós dais na lama
A eterna vibração do Amor em Portugal!

Já não sou o que fui... Éstes meus ais são francos
E sinto-me vergar a tantos desenganos...
Dobadoira a girar, ó meus cabelos brancos!...
Um ano!... Inda mais outro!... E há dias que são anos!...

Janeiro de 1934.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

As minhas impressões Secção para todos

XXXXIV

Meu caro amigo:

Nada te sei dizer, de positivo, sobre a inauguração do monumento a João Franco. Ouço dizer que está quasi concluído e nada mais. Estranhas que os vimezanenses tenham pensado em tantos monumentos, com a exclusão daquele que devia figurar em primeiro lugar — o dos Mortos da Grande Guerra. Realmente, tens razão. Não se justifica semelhante atitude. Em Guimarães, ainda não há um monumento a perpetuar a saudável memória daqueles que sacrificaram a própria vida em defesa da Pátria, sendo certo que esta falta não tem justificação possível, visto que é um dever — mas um dever sagrado — que o povo de Guimarães já devia ter cumprido. De modo igual não têm procedido outras terras inferiores a esta, na maior parte das quais há um monumento aos Mortos da Grande Guerra. O que significará, meu amigo, o que acabo de te dizer? É provável que o teu raciocínio dispense qualquer explicação da minha parte, o que representa para mim uma porta de saída, porque, do contrário, teria de ser um pouco severo para com aqueles que não tomaram, até hoje, a iniciativa de prestar a devida homenagem aos Mortos da grande Guerra. É uma falta que deixa mal colocado o povo de Guimarães, embora nem todo esse povo tenha a sua responsabilidade presa a tam condenada indiferença. Com isto, não te quero dizer que foi infeliz a ideia do Monumento ao Grande Sábio e Glorioso Vimezanense — Martins Sarmiento, nem discuto a oportunidade ou não oportunidade de qualquer outro. Quero, apenas, frizar-te a circunstância de que não ficaria mal ao sentimento da dignidade dos vimezanenses a existência de um Monumento aos Heróicos Mortos da Grande Guerra, mesmo em prejuízo de qualquer outro. Creio que ninguém teria a coragem de censurar este acto de civismo. Mas... mas... É sempre o eterno mas!... Tu, que já tens uma longa prática da experiência da vida, sabes, tam bem ou melhor do que eu, como são ingratas, muitas vezes, as voltas do mundo. Portanto, não estranhes!

Um abraço do amigo ded.º

Guimarães, 17-1-934.

Miora.

Aos amadores fotográficos

A casa BENAMOR, no Toural, encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Tem à venda todos os artigos Kodak. Grande sortido de máquinas fotográficas, róis e chapas.

Artigos de Papelaria, Tabacos, Lotaria, objectos de Escritório e Perfumarias.

Fertilizar, harmonizar, suavizar, concretizar, organizar.

Avisar, arrasar, atrasar, precisar, alisar, aprasar.

No primeiro grupo de verbos há o sufixo izar (Z etimológico visto que faz parte do elemento de composição importado), pelo que se devem escrever com Z na última sílaba.

Nos verbos do segundo grupo há o sufixo ar, não tendo os respectivos primitivos Z etimológico pelo que se devem escrever com S.

Assim: avisar-de aviso; arrasar-de raso; atrasar-de atrás; precisar-de preciso; alisar-de liso; e aprasar-de praso.

Alisar (substantivo) significando a guarnição das janelas ou portas ou ainda uma faixa de azulejo ao fundo das paredes deve-se escrever com Z pois que é também elemento do étimo. Só a etimologia nos pode guiar com segurança, não se sentindo nada bem quem não possua conhecimentos suficientes para afugentar as dúvidas.

Onde parece haver muitas vezes coerência há erro.

ADMINISTRAÇÃO

O administrador do jornal encontra-se todos os dias na redacção desde as 20,5 às 22,5 horas.

Para assuntos estranhos à administração é inútil ser procurado, pois nada deseja intrrometer-se na feição ou na orientação que a redacção entenda imprimir-lhe.

Elegante Salão

Rua Formosa, 307-1.º — Porto.

Telefone, 6.226 LOPES & CARVALHO.

O mais luxuoso e bem montado Salão de Cabeleireiro para Senhoras, com os mais modernos e perfeitos aparelhos Franceses. Massagista Alemã. Produtos de Beleza.

NOVIDADE LITERÁRIA

"CARAPUÇAS,"

(SEGUNDA EDIÇÃO, AMPLIADA)

Colecção de Sátiras Por Leão Martins

Já foi posto à venda, e encontra-se nas Livrarias: L. Oliveira & C., Casa das Novidades, Casa Benamor, e nesta redacção, ao preço de 3\$00.

Meus caros amigos:

O meu artigo — como desejáveis — para o número do aniversário do vosso jornal é esta simples carta que vos ofereço. Todavia, nas poucas palavras que vos dirijo eu ponho o significado de muitas coisas que se diriam num longo arrazoado. E faço-o com sinceridade e com coragem.

Nós — tenho-vos dito sempre — precisamos de ser corajosos, de ter fé e de ter vontade. Pende, de facto, sobre os ombros da nossa geração um sério trabalho de solidariedade moral e produção de riqueza em favor da colectividade, trabalho esse a que a hora que vivemos nos chama, com decisão e com denodo. Embora, tendo de madruguar um pouco para as realidades que a vida nos oferece, somos talvez forçados a deixar na estrada os caminheiros que já não podem seguir-nos, com a mesma marcha e com o mesmo ímpeto.

Há, incontestavelmente, uma rotação a fazer-se em face das coisas de ontem como se fosse o último período de um capítulo que se leu com avidez. O nosso pensamento, a nossa inteligência libertam-se sempre, desde que meditemos, com silêncio e com amor. De resto, o homem não é nunca — sobretudo quando é moço — a última esperança de uma ilusão falaz. Para uns o Sol põe-se, mas para outros o Sol nasce. É uma lei da vida, complexa é certo, que exige um mundo interior próprio e um sentimento subtil de delicadeza e assimilação dos átomos — digamos — imponderáveis do Espírito... Mas é assim.

Agora mesmo, escutando-me a mim próprio, dominado pela quietude das coisas adormecidas — e deixai significá-lo assim — espiritualizado pela emoção a que me transporta este silêncio, numa sublimação dos eflúvios da inteligência humana, eu julgo compreender que todos nós — que temos de começar cedo, com coragem e com pressa — também o temos de fazer doutra maneira. As crises, no Mundo, por exemplo, quaisquer que sejam as suas leis, exigem sempre ao homem novos coeficientes e até, meus amigos, outras virtudes por vezes. Ora nós temos que ser, de facto, a nossa própria época — indo à procura do nosso mundo, indo de encontro à nossa realidade. E nós não podemos viver a vida, negando-a...

Tudo isto vos diz respeito, a vós. Ao festejardes o aniversário do vosso jornal evidentemente que confirmastes um esforço e uma vontade — mesmo uma obra. Cedo quisestes vir para a luta, embora sabendo que a luta, sobretudo hoje, é terrível e violenta. Ao mesmo tempo tomastes, decerto, balanço às responsabilidades que pesam sobre todos aqueles que se sobressaiem nessa luta; pois então e à medida que essa confirmação se faz — que esse traço de vida se regista — que alguma coisa de concreto fique e alguma coisa se dirija já para o futuro. Não vale a vaidade um esforço infinitesimal, nem vale um esforço o ruído de um mediocre — só vale aquilo que queremos, de forte, de bom e de justo e isso é o equilíbrio e é mesmo o sentido da vontade geral. Meditai que o jornalista tem que ser sempre o registador da sensibilidade colectiva e ao mesmo tempo o especulador consciente dessa sensibilidade no sentido do mundo moral. É, pois, tremenda a sua responsabilidade. É, pois, heróica e soberba a sua profissão e ela enquadrando-vos dentro do mundo para que a vossa mocidade tenderá, como as plantas para a luz, realizar nela sempre Mocidade... porque morreu, de facto, o século dos extáticos!...

Abraça-vos e felicita-vos o

ANTÓNIO SARMENTO.

PELA ESCOLA E PELA CRIANÇA

CREIO QUE...

Se a literatura é a expressão reflexa das aparências de uma organização social e a concomitante interpretação — sumário da unificação dos materiais instrutivos e educativos — nem por isso se pode arrogar primazia nas matérias a versar, devendo aliás preceder e não suceder àquelas experiências.

A linguagem é alguma coisa mais — e bem importante — que um instrumento lógico: é fundamental e principalmente um instrumento social. Pela linguagem comunicamos; pela linguagem partilhamos nas ideias e sentimentos alheios.

Sucedem, porém, que nas obras pedagógicas ela é na generalidade tratada pelo aspecto de simples expressão do pensamento.

Disto resulta ser reduzido o valor do estudo da literatura e da linguagem. O factor ou elemento social é obscurecido — quasi eliminado.

Se encaramos a linguagem apenas como o meio de aumentarmos o pecúlio de informações ou ainda de exteriorizarmos conhecimentos adquiridos, banimos dela o motivo primário e desviamos-la da finalidade social.

Parecendo, pois, que a leitura — a literatura infantil — deva constituir a base das matérias de um programa, nem todos os atributos inerentes são suficientes para lhe conferir esse fôro.

Antes de mais o educador deve ser colocado ante o educador na situação de identificar-se com o rigor possível, declinando o meio em que se formou, a vida comunicativa que gosou, as actividades exercidas — experiências ou conhecimentos de que foi executor e intérprete.

Com esses informes elabora pensamentos, construe frases — elementos em que assentará a actividade educativa, falando, grafando e lendo, motivos integrados na vida social da criança.

Uma disciplina de resultados bem problemáticos é a história nos moldes em que tem sido apresentada às crianças, algumas de 10 anos apenas.

Em frases felizes um escritor disse que a educação cívica se podia e devia fazer pela romagem aos nossos monumentos e pela leitura de dois livros: «História Pátria» e «Os Lusíadas».

O ponto vulnerável está nas idades e na participação política na vida da comunidade.

Considere-se por um lado o valor educativo da história e por outro o seu sentido e verificaremos que aquele só é manifesto, quando expõe passagens e fases da vida e do desenvolvimento sociais, e que este atinge a sua plenitude somente quando consideramos a história como uma relação entre a vida e o progresso social.

Ora, se não for controlada por referências à vida social dos educandos e a reduzirmos simplesmente a história, fica matéria inerte, morta; e considerada no sentido de relação que referi só poderá ser oferecida a educandos já plenamente introduzidos na vida social.

Em 15-1-934.

MODESTO.

O Telefone 188

é a CASA DAS GRAVATAS.

A casa que maior sortido tem e mais barato vende meias e peúgas.

Não confundir!...

ESCRITÓRIO

Aluga-se uma loja, adequada a escritório. Serve para advogado, procurador, etc., achando-se situada em ponto central.

Na Casa High-Life informa-se.

CONTRADIÇÃO

Fazer anos... que sensaboria! Para as crianças, com a visão ilusionista que têm de tudo, ainda escapa... pode, até, tornar-se agradável se se enfeita da esperança melífica dum pudim francês ou qualquer outra guloseima apetecida...

Lembro-me perfeitamente de que a preocupação dominante dos meus aniversários infantis foi o arrôz doce... uma travessa de arrôz doce cor de canário, ostentando o meu nome, inteiro, muito bem feitinho a letras de canela... O entusiasmo graduava-se pelas dimensões da travessa, esfriando perceptivelmente se a superfície só dava para as iniciais...

Com a repetição da usança perdi-lhe o gosto, enfastei-me e vim a perceber que não existe docura que compense certos amargos de bôca que a sorte nos vai proporcionando...

Como nós mudamos!

Hoje detesto o arrôz doce cor de canário e os postais ilustrados que insistem em contar mais uma risonha primavera...

Essas tais primaveras, tão subtis e leves que se sujeitam na transparência leitosa dum envelope de papel de seda, são precisamente as mesmas, aquelas que acumuladas, escandalosamente multiplicadas e enfiadas sobre o misero arcoíjo do homem e — ai de mim!... — da mulher, roubam o brilho dos olhos, a firmeza das pernas, os dentes da bôca e o ritmo ao delicado motor chamado — coração...

Isto acontece aos homens e — ai de mim!... — às mulheres, mas não acontece aos jornais. Os jornais gozam incessante mocidade. Em cada ano que passa, como árvores maravilhosas, deitam novas raízes para a terra, novos braços para as alturas, alheios à tristeza mórbida da queda das folhas... Mesmo quando morrem, porque tudo morre neste mundo, libertam-se das misérias do sofrimento e soltam o último suspiro, o derradeiro clarão, com a galhardia dos heróis lendários!

Cheguei onde queria sem ofender as convicções de uso particular...

Já perceberam, não é verdade?...

Eu desejava felicitar o «Notícias de Guimarães» por... completar mais uma risonha primavera e quedar de boas avenças com a consciência, que costuma ser impertinente ao exigir-me contas das acidentais contradições a que a Vida obriga gente bem intencionada...

... Porisso aqui estou de rosto alegre e alma festiva saudando a brilhante gazeta e envolvendo nesta saudação a briosa cidade minhota, bérço do grande Rei que nos doou a nacionalidade, terra que eu prezo como se minha fosse, e que tem no «Notícias de Guimarães» um paladino infatigável, sempre resolutivo na defesa dos seus encantos, bom nome, valor artístico e dignidade espiritual!

E eis porque digo e repito sem acanhamento e com sincera satisfação:

Parabéns! Parabéns! Parabéns!

Porto — Janeiro de 1934.

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

TUDO BARATO

Camisolas de pura lã, para homem e senhora, a 9\$00. Ditas para crianças, desde 4\$00. Ditas em algodão para homem e senhora a 3\$20. Lindas blusas para senhora a 13\$00 e 15\$00. Pulovers, para crianças, desde 5\$00. Casacos de boa lã, para senhora, a 30\$00. Coletes para homem, a 22\$00. Sapatos de agasalho, desde 11\$50. Meias de pura lã, para senhora, a 3\$50. Peúgas de pura lã, para homem, a 3\$50. Luvas de lã, a 7\$50. Tapetes desde 6\$00.

Só na Gamisaria Martins, a Casa das Meias.

Assinala NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Uma informação canalha

Houve um patife que, ludibriando a boa-fé do «Diário de Notícias», fez publicar no seu número de sexta-feira uma correspondência telegráfica ou telefónica (não o sei eu dizer), na qual se diz que nesta cidade elementos extremistas deram «vivas» à revolução social, mas sem indicar lugar ou rua onde esses «vivas» se deram, e que os extremistas «dispersaram pouco depois», mas também sem dizer se foram dispersos pela força pública, ou se o fizeram muito à vontade, como muito à vontade o senhor da canalhice publicada trabalhou na sombra, talvez para me prejudicar, não se lembrando, o miserável anónimo, que quem ia sendo prejudicada era Guimarães.

Eu declarei a sua ex.ª, o sr. Administrador do Concelho, que tal infâmia não tinha sido minha, estranhando até que o «Diário de Notícias» não procurasse primeiro saber se de facto era ou não o seu correspondente que o informava duma coisa que ninguém deu por tal, e muito menos eu, que não estou habituado a sofrer tratantadas como esta a que todos assistimos. Mas pedi à Autoridade para descobrir o autor de tam *grandioso feito*, a fim de receber o prémio que merece.

Domingos Ribeiro.

Quem triunfa?

Se não falharem as informações que me deram, não dou por perdido o tempo que tenho gasto a protestar contra o depósito da sardinha que o sr. Vinagreiro resolveu *instalar* no Tournal, abusando, assim, dos princípios mais rudimentares da razão e da higiene, sempre aconselhados em casos destes. Procurei, dentro deste modo de ver, levar o sr. Vinagreiro a tomar uma solução que fosse digna para si e para os habitantes de Guimarães, aconselhando-o a retirar do Tournal o seu depósito da sardinha. Apesar da minha insistência, feita com lealdade e correcção, o sr. Vinagreiro houve *por mal* não me ligar importância, tendo, pelo contrário, atirado sobre mim os maiores insultos, que, felizmente, não chegaram a atingir-me, sabido como é, que a voz do sr. Vinagreiro está muito longe de chegar ao Céu! Além disso, a situação deste sr. estava claramente posta em cheque, não obstante se considerar em *terreno conquistado* e de se julgar tam solidamente colocado no seu *trono*, que nada haveria que o destronasse. Porém, a ser verdade o que me contaram, o sr. Vinagreiro não pôde equilibrar-se e deu um trambolhão, ficando estatelado no lódo onde queria fazer chafurdar o Progresso de Guimarães. Não se cumpriu, pois, aquilo que sua senhoria desejava, se é verdade ter sido intimado a *aliviar* o Tournal daquela *lixéira* imunda e vergonhosa — o depósito da sardinha, intolerável em qualquer terra mais ou menos culta, quanto mais em Guimarães, que passa por estar integrada na civilização. A verificar-se o facto de assim ter sucedido, o que espero averiguar com certeza garantida, para depois o comunicar aos meus prezados leitores, é menos um *foco de porcaria* que deixa de existir nesta cidade.

Não é por vontade do sr. Vinagreiro que isto se dá, porque só muito contrariado deixará de ter o prazer de ver ali todo o seu encanto e toda a sua alegria. Mas, como acima das suas comodidades está o engrandecimento de Guimarães, uma única coisa tem a fazer: sofrer com paciência e resignação este *contratempo* e perdoar ao *Pipi* a maldita lembrança de o ter obrigado a fazer um sacrifício com o qual não contava. Até melhores averiguações, como já disse, encontra-se

Ensino Particular

Decreto n.º 23.447

No «Diário do Governo» n.º 4, 2.ª série, de 5 do corrente, vem publicado o Estatuto do Ensino Particular, que altera, em parte, a legislação anterior. Há uma disposição referente aos alunos externos do Conservatório Nacional, a qual passamos a transcrever.

Diz o parágrafo 2.º do art. 25.º do referido Decreto:

«Os alunos externos do Conservatório Nacional poderão inscrever-se e fazer exames singulares das cadeiras do 2.º ano de português e do 3.º ano de francês nas **Escolas Comerciais**, ainda que se não tenham inscrito, nos anos anteriores, pagando, porém, as verbas correspondentes às inscrições não efectuadas, além da correspondente ao ano em que se inscreverem».

Sobre a importância das inscrições, diz o art. 26.º:

«Aos alunos externos não são exigíveis propinas de matrícula, devendo, contudo, pagar pelo respectivo registo as quantias seguintes por meio de estampilhas do imposto do selo;

- a) 10\$00, sendo do ensino primário;
- b) 20\$00, sendo de qualquer curso ou grau de ensino, quer a inscrição se refira a uma classe, quer a várias disciplinas do mesmo ou de anos diferentes».

O citado Decreto contém 13 capítulos e 113 artigos.

O Natal do Combatente

A pedido da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, damos hoje publicidade à relação dos indivíduos que contribuíram para a subscrição «Pro-Natal do Combatente», em 1933:

- Dr. Augusto José Domingues de Araújo, 50\$00; Alberto Pimenta Machado, 50\$00; Bento dos Santos Costa & C.ª, 50\$00; Fábrica do Minhoto, 50\$00; Fábrica do Cavalinho, 50\$00; Fábrica de Tecidos de Vila-Flor, 40\$00; J. Ladeira Guimarães & C.ª, 40\$00; António José Rodrigues, 30\$00; Manuel Pereira Bastos, 20\$00; Joaquim Ribeiro da Silva, 20\$00; Amadeu da Costa Carvalho, 20\$00; António da Costa Guimarães, 20\$00; Alberto Costa, 20\$00; Afonso da Costa Guimarães, 20\$00; José Jacinto Júnior, 20\$00; Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, 20\$00; Francisco Martins Fernandes, capitão, 20\$00; Francisco R. Martins da Costa (Aldão), 20\$00; João Teixeira de Aguiar, 20\$00; Luiz Cardoso de Macedo e Menezes, 20\$00; D. Constança Menezes, 10\$00; Augusto Mendes, 20\$00; Teixeira de Abreu & C.ª, 20\$00; Belmiro Mendes de Oliveira, 20\$00; José Mendes de Oliveira, 20\$00; Fernando de Almeida & C.ª, 20\$00; António Pereira de Lima, 20\$00; Freitas & Genro, 20\$00; José Torcato Ribeiro Júnior, 20\$00; António Pimenta, 20\$00; Alberto Teixeira Carneiro, 20\$00; Major Alberto Menezes Macedo (Margaride), 15\$00; Domingos Martins Fernandes, 15\$00; Alexandrino Guimarães, 10\$00; Casimiro Martins Fernandes, 10\$00; Armando Humberto Gonçalves, 10\$00; Manuel Fernandes Ribeiro de Castro, 20\$00; Luiz Nunes, 20\$00; Vital Marques Rodrigues, 10\$00; Coronel Alcino da Costa Machado, 10\$00; Silva Guimarães & C.ª, 10\$00; Casa Ferro, 10\$00; Baroneza de Pombeiro, 10\$00; José Fernandes, 10\$00; José de Oliveira, 10\$00; Augusto Pinto Lisboa, 10\$00; José Maria Leite, 10\$00; José Fernandes Guimarães, 10\$00; João Baptista de Sousa, 10\$00; João Rideiro da Cunha, 10\$00; Cândido Carvalho, 5\$00; Francisco Assis Costa Guimarães, 5\$00.

Soma... 1.005\$00.

Quando o espaço o permitir publicaremos a lista dos contemplados, como nos é solicitado.

neste pé o caso do depósito da sardinha, se bem que, depois do que me disseram, eu já visse, no mesmo local, alguns tabuleiros com a *vivinha*. A polícia indagará e eu continuarei a não descurar o assunto. E oxalá seja esta uma das últimas vezes que tenha de importunar o sr. Vinagreiro.

Pipi.

Crónica de Desporte

Futebol

O Vitória derrotou o Comercial por 8-0.

O grupo bracarense, que no dia 3 de Dezembro, próximo passado, numa tarde feliz, conseguiu vencer o Vitória com uma formação desarticulada, sucumbiu, no encontro de domingo último, perante a equipe vimaranense, que lhe infligiu a pesada derrota de 8-0, após uma exibição em que demonstrou larga superioridade técnica e territorial.

Desde o início do encontro o grupo vimaranense evidenciou superioridade, assediando com mais frequência as redes do grupo bracarense, prevendo-se que o resultado contra este seria elevado.

O número de 8 «goals» deveria ter causado grande surpresa para quem não assistiu ao encontro e até para os próprios componentes do grupo bracarense, que, por certo, não contavam com semelhante resultado.

E assim foi.

O 1.º tempo foi regularmente disputado, exibindo-se o onze vimaranense um pouco abaixo das suas possibilidades.

O marcador que se fixou em 3-0, neste primeiro período, teve por intermédio de Fonseca o seu início, que, na marcação de um canto, conseguiu abrir o activo. A partir deste ponto, a linha dianteira vimaranense, provocou em todos os seus avançados grande perigo para as redes do Comercial, sobretudo quando os remates eram dirigidos por Lameiras.

O 2.º «goal» surgiu da marcação de um «livre» que Lameiras lindamente soube apontar para um dos cantos, e, poucos minutos decorridos, o mesmo jogador, num grande remate, a dois metros das redes, marcou indefensavelmente o 3.º ponto.

No 2.º tempo, o Vitória melhorou, jogando a sua linha avançada e todo o restante grupo com uma toada superior à do primeiro.

Lameiras foi o primeiro a abrir o activo, obtendo, neste tempo, com um remate, longe do alcance do «keeper», o 4.º ponto, seguindo-se depois, em curtos intervalos, os restantes, alcançados por intermédio de Faria, Virgílio e Lameiras.

Os bracarenses, apesar de se encontrarem batidos por um elevado e inesperado número de «goals», lutaram sempre pelo chamado ponto de «honra», nunca deixando de assediarem as redes de Elísio, para as violar, jogando todo o grupo com combatividade, sabendo sempre dar à réplica em termos de não possibilitarem à defesa do Vitória, descanço na sua actuação. Por duas vezes que tiveram o «goal» à vista, mas uma oportuna entrada de Paredes, e uma excelente defesa de Elísio, anularam-lhes o intento de marcar.

O 9.º «goal» ainda esteve prestes a marcar-se e marcar-se-ia se um remate de Fonseca não tivesse esbarrado na trave.

O fim do jogo chegou com o expressivo resultado de 8-0, que ficou a traduzir, de uma maneira insofismável, a superioridade do vencedor, que ficará vincado no já apreciado *palmarés* do Vitória, por ter sido obtido sobre um grupo que, embora modesto, conseguiu vencer o Vitória, no seu campo, em má tarde, por 6-5.

Este encontro teve três árbitros.

A primeira parte foi arbitrada pelo sr. J. Passos, que teve uns leves deslizes, mas que nunca foram prejudiciais aos bracarenses.

Na segunda, durante meia hora, esteve este a cargo de um desportista bracarense, que tendo-se conduzido com acerto, não conseguiu agradar aos seus patrícios. Por último arbitrou o sr. J. Silva, cujo trabalho foi competente e imparcial.

O Vitória, que se apresentou sem Ricóca, alinhou com a seguinte formação: — Elísio, Paredes e Ferreira; Freitas, Laureta e Cunha; Fonseca, Lameiras, Faria, Virgílio e Mário.

BOURBON DO AMARAL.

VITÓRIA SPORT CLUB

Importante reunião

Conforme noticiamos, realizou-se na terça-feira passada, na sede do Vitória, uma importante reunião para se ventilar um assunto de grande importância para a vida do glorioso Club vimaranense.

A reunião foi bastante concorrida por associados, que depois de terem ouvido do presidente do Club, sr. dr. José Pinto Rodrigues o fim que levou a Direcção da sua mui digna presidência a convocar a referida reunião, acederam em prestar o seu valioso e indispensável auxílio à Direcção, para o assunto que foi apresentado — melhorar, ainda mais, o campo de jogos de Benlhevai, dotando-o com umas dimensões maiores, afim de o tornar digno de receber as melhores embaixadas futebolísticas, nacionais e estrangeiras.

As Comissões, que já deram começo aos seus trabalhos, ficaram constituídas pelos seguintes cavalheiros: 1.ª — António Gualberto Pereira, dr. Adelino Ribeiro Jorge, José Ferreira da Silva, Francisco José Lopes Correia e António Faria Martins. 2.ª — Manuel da Silva Ribeiro, Joaquim da Silva Vilela, Simão António Fernandes e Luiz de Moura Nunes.

E' dever de todo o bom vimaranense assinar o **Notícias de Guimarães**.

Noticias pessoais

Fez ontem anos o nosso amigo, sr. António Vaz da Costa, estimado industrial e proprietário.

— Tem passado incomodada de saúde a menina D. Maria Emilia Vaz da Costa Marques, a quem desejamos rápido restabelecimento.

— Em Vizela, tem estado doente o nosso querido amigo, sr. António Simões, extremoso filho da grande benemerita, sr.ª D. Maria Simões.

— Encontra-se doente o nosso amigo, sr. Dr. Fernando de Matos Chaves.

— Partiram para Lisboa os nossos amigos, srs. José Jacinto Júnior e José Faria Martins.

Os nossos amigos

Pedi a assinatura do nosso jornal o sr. Adelino Leite de Faria, de Santo Estevão de Britos.

— Veio à nossa redacção, pagar a sua assinatura, a sr.ª D. Rosalina de Almeida.

— Veio à nossa Redacção pagar a importância da sua assinatura o nosso amigo, sr. Manuel Fernandes Pôrto, de S. Pedro da Raimonda, que foi também portador da importância da assinatura do sr. P.º Francisco Melo, ilustrado abade de S. Pedro da Raimonda.

A todos, muito obrigados.



Brindes—Da «Companhia Geral de Combustíveis» recebemos, por intermédio dos seus agentes nesta cidade, srs. Amadeu C. Penafort, Lt.ª, um lindo calendário-cromo, para o corrente ano.

— Também recebemos do Hotel Bragança, de Lisboa, um interessante calendário para 1934. Muito obrigados.

Desastres—O serviço Domingos Pinheiro, da freguesia de Matamá, caiu, há dias, abaixo de um alpendre, fracturando um braço.

—Na quarta-feira, à noite, quando de regresso do Pôrto, subia a rua de Camões o camião 9105-N da «Auto-Mondinense», por não ter engrenado quando o seu condutor, António Teixeira de Magalhães, mudava de velocidade, foi de encontro a um prédio danificando-o.

Interesses de S. Torcato— Foi eleita a nova Comissão de Iniciativa de S. Torcato, que ficou constituída pelos seguintes cavalheiros:

Alberto Pimenta Machado, Horácio Fernandes Ribeiro, José António de Matos, José António Fernandes, Casimiro Cardoso Lage, Francisco Martins Ferreira e Joaquim da Silva.

Esta Comissão, que já tomou posse, iniciou os seus trabalhos para o brilhantismo da Feira Anual de S. Torcato, a realizar no mês de Fevereiro.

Romaria—Realiza-se hoje, em S. Vicente de Mascotelos, a romaria de Santo Amaro, que costuma decorrer animada.

José Maria Baptista Ribeiro— Passando na próxima sexta-feira, dia 26, o 1.º aniversário do falecimento do saudoso sr. José Maria Baptista Ribeiro, que foi escrivão de Direito desta comarca, sua família manda celebrar uma missa, às 9 horas, na igreja da Misericórdia.

Interesses de Guimarães

A convite da S. D. e P. de Guimarães, reuniram-se na terça-feira, na sede desta colectividade, várias entidades que trocaram impressões acerca de dois dos mais importantes problemas que, há muito já, trazem preocupados alguns elementos vimaranenses. E dizemos alguns, porque nem todos, infelizmente, se dão à canseira de trabalhar para que as nossas aspirações sejam realizadas.

Unidade militar e elevação do Liceu a Central, foram os assuntos que se discutiram, acaloradamente, nessa pouco concorrida reunião.

Depois da troca de impressões, foi resolvido que a Direcção daquela colectividade procurasse saber quais as *démarches* já levadas a efeito pelo município, a fim de se estudar o melhor caminho a seguir.

— A C. A. da Câmara e a S. D. e P. de Guimarães, avistaram-se já com o Chefe do Distrito.

Padre Francisco de Melo— Vimos, nesta cidade, o nosso amigo, sr. P.º Francisco de Melo, abade de S. Pedro da Raimonda e ilustrado orador sacro.

Manuel Fernandes Pôrto— Deu-nos o prazer da sua visita, o que muito agradecemos, o nosso estimado amigo e querido assinante, sr. Manuel Fernandes Pôrto, importante capitalista de S. Pedro da Raimonda (Freamunde).

F A L E C I M E N T O

D. Maria Josefa Soares

Na avançada idade de 91 anos, faleceu, em casa de seu genro, o sr. Joaquim Ribeiro de Moura, na Pisca, a sr.ª D. Maria Josefa Soares, mãe dos srs. José e António de Freitas Soares e das espôsas dos srs. Joaquim Ribeiro de Moura e Gaspar Lopes Ribeiro, e avó dos srs. dr. João, Artur, António, Abel, José e Fernando Fernandes de Freitas, António de Freitas Soares Júnior, José, António e Gaspar Ribeiro Moura, Gaspar Gonçalves Ribeiro e Júlio Rodrigues Guimarães.

O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se, ante-ontem, de manhã, na capela do cemitério de Atougua, tendo fechado o caixão o sr. António José Pereira de Lima.

A toda a família enlutada apresenta o «Notícias de Guimarães» sentidas condolências.

Saibam quantos... isto lerem

Segundo relata a «Revista Bibliográfica Belga», uma notícia interessante para o comércio e indústria é a que se refere à maneira de fazer a propaganda por meio dos grandes e constantes réclames, pois uma verdadeira capacidade em questões de publicidade e eminente jornalista, depois de fazer os seus estudos sobre o resultado do anúncio, chegou às seguintes conclusões, e aconselha que o anúncio, para produzir os efeitos desejados, deve aparecer pelo menos 10 vezes no mesmo lugar. Assim, recomenda:

- A' primeira vez, o leitor não vê o anúncio.
- A' segunda, vê-o mas não o lê.
- A' terceira, lê-o.
- A' quarta, informa-se do preço do artigo recomendado.
- A' quinta, fala com sua mulher sobre o anúncio.
- A' sexta, propõe-se comprar o artigo anunciado.
- A' sétima, compra-o.
- A' oitava, fala com os seus amigos acerca do anúncio.
- A' nona, os maridos falam com as suas mulheres sobre o anúncio.
- A' décima, as mulheres falam do mesmo a todo o mundo.

Produtos NALLY

Todos os artigos da sua vasta colecção se encontram à venda na Casa das Gravatas.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Alfaiataria RIBEIRO, FILHO

Participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que recebeu o sortido para a presente Estação.

9, Largo Conselheiro João Franco, 10
TELEFONE 177
GUIMARÃIS

Esplêndidos e confortáveis quartos. Ampla casa de jantar. Magnífico quarto de banho com água quente e fria.

A R C A D I A
G U I M A R Ã I S

A melhor, a mais central e confortável casa na especialidade. Diárias de 15\$00 a 22\$00. — Almoços e jantares. Grandes descontos a pensionistas.

Largo do 28 de Maio, 82 a 84

Avenida Cândido Reis, 85 a 90

Tipografia Minerva Vimearanense

Rua 31 de Janeiro

GUIMARÃIS

Impressões em tódos os géneros.

O melhor café é o d'A BRASILEIRA

Tódas as pessoas de bom gosto o preferem

DEPOSITÁRIOS:

FREITAS & GENRO

Toural, 70

GUIMARÃIS

◆ RÁDIO ◆

Receptores, desde 1.000\$00

ATWATER KENTE

ABÍLIO MARTINS em Guimarães

CASA PIMENTA

De Alberto Pimenta Machado

Filial: RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37 — Telef. 180

Lanifícios, Tecidos de Algodão e Sêda, por Junto e a Retalho

Sobretudos, panos de casaco para senhoras, grandes saldos de casimiras, tecidos de lã para senhoras, aos melhores preços.

Lotes de retalhos de casimiras.

V. Ex.^a quer economizar dinheiro?

Só fornecendo-se na **CARVOARIA MODERNA**, à Rua de S. Dâmaso, 60-62, pois só lá é que encontra à venda: Lenha, Carvão pinho, Carvão carvalho, Carvão choça, assim como Carvão Coke gaz, de 1.^a, e outros artigos próprios de cozinha. Também vende Carvão forja, de 1.^a, para indústria. — Desconto para quantidade. — Uma visita a esta casa, onde se encontra tudo mais barato.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho
Filiado no Sindicato Nacional da Imp. Portu.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO,

Ex.^{mo} Sr.^o

Louisa de Matos Pimenta

GUIMARÃIS

